



O PRAGMATISMO AMERICANO E A RENOVAÇÃO DO CAPITALISMO

Giovanni Semeraro¹

O pragmatismo é a maior glória da tradição intelectual dos Estados Unidos (R. Rorty)

1. As origens

Entre final de 1871 e início de 1872, um grupo de intelectuais reúne-se periódica e informalmente em Cambridge, Massachusetts (Estados Unidos), para conversar sobre filosofia, psicologia, ciência, cultura, política, dando origem ao que passam a chamar de Metaphysical Club. Na realidade, uma denominação irônica para um círculo de estudiosos determinados a minar radicalmente a metafísica. Convergem sobre diversas questões, mas logo emerge uma convicção comum:

Mostravam-se convencidos de que as ideias não estavam 'lá fora' esperando para serem descobertas, mas eram instrumentos inventados para enfrentar o mundo [...] Acreditavam que, por serem reações provisórias a circunstâncias particulares e únicas, as ideias não estavam vinculadas à imutabilidade, mas à adaptabilidade².

Seus debates, no entanto, não visam apenas romper com a tradição filosófica que havia definido por milênios o pensamento da Europa. Avaliam as repercussões das novas descobertas científicas e desenhavam horizontes em consonância com a cultura que está plasmando a identidade dos Estados Unidos da América. Entre as teorias e os diversos autores examinados no Club, ocupam lugar de destaque os escritos de Darwin, publicados naqueles anos: A origem das espécies (1859) e A

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

² Cf. Menand, L. The Metaphysical Club: A story of ideas in America, p. 12.

descendência do homem (1871). A ideia de evolução aqui defendida não era apenas um golpe desferido contra a superioridade da raça humana e a hierarquia das espécies. Juntamente com dogmas consagrados pela religião e o senso comum, a biologia darwiniana oferecia elementos para destituir do seu trono as substâncias fixas e transcendentais, as filosofias que desqualificavam o movimento e as teorias que reduziam a experiência sensível à condição de conhecimento inferior e imperfeito diante da especulação racional e dos domínios sobrenaturais. Ao apresentar uma visão unitária da natureza, da qual o ser humano é apenas parte, Darwin superava toda forma de dualismos e mostrava que o conhecimento é um elemento da interação entre organismo e ambiente, um instrumento que surge e se modifica constantemente na luta pela sobrevivência.

Darwin indicava na linguagem o lugar mais apropriado para o surgimento da consciência. Apontava, também, que o cérebro se desenvolve ao longo do processo evolutivo para solucionar problemas. A mente, portanto, não podia ser mais entendida como uma faculdade autônoma e espiritual superior, mas como uma função natural, como um órgão especializado do corpo para analisar o ambiente, para adaptar-se, para construir instrumentos úteis ao prolongamento da espécie. A biologia evolucionista oferecia, portanto, munição para a lógica genética e para as análises dos mecanismos do conhecimento, entendido como uma operação estimulada pelos interesses e os impulsos vitais.

Embora de caráter pouco expansivo, Charles Sanders Peirce (1839-1914) é o pensador mais perspicaz e produtivo do Metaphysical Club. As primeiras formulações do que vai ser chamado de pragmatismo podem ser observadas nos ensaios que ele escreve na década de 1870. Em *The fixation of belief* (A fixação da crença), de 1877, Peirce mostrava que precisava sair das “crenças” fundadas sobre bases inconsistentes como a obstinação, a autoridade e as ideias a priori. Para “fixar crenças” que acalmem as dúvidas é necessário, ao contrário, verificá-las continuamente, o que só se torna possível recorrendo ao método científico. Este, de fato, consiste em formular hipóteses, experimentá-las com provas e julgá-las pelas suas consequências. Convencido de que as crenças são sempre falíveis e mutáveis, considera necessário “inquirir” com espírito científico a realidade para superar verdades estabelecidas, formas preconcebidas de pensar, lugares comuns instituídos pela tradição e pelas autoridades. No ano seguinte, no ensaio *How to make our ideas clear* (Como tornar nossas ideias claras), aprofunda suas análises

sobre a conduta aplicando-as à lógica. Também nesse caso, Peirce sustenta que o significado de uma palavra ou de um conceito depende de seu reflexo na prática: “O significado racional de uma palavra ou de outra expressão consiste exclusivamente no seu alcance concebível sobre a conduta de vida”³. Ou seja, o valor de uma ideia está relacionado a seus efeitos, à ação que produz e à crença que se fixa em nós. Assim, devemos considerar verdadeiras as ideias cujos efeitos são verificados e comprovados na prática e que nos levam a agir e organizar o futuro. Não tendo autonomia e substância próprias, as ideias não são compêndios de verdade, mas são princípios operativos; estão sempre vinculadas aos “efeitos sensíveis das coisas”.

Concentrando suas pesquisas sobre a lógica e a semiótica, Peirce elabora um método de esclarecimento de conceitos e de determinação de significados pelas consequências práticas. Desenvolve, desse modo, uma teoria dos sinais. Ao afirmar que “todo pensamento é sinal e participa essencialmente da natureza da linguagem”, Peirce cria quadros semióticos a partir de três termos: o sinal, o objeto e o intérprete⁴. Estava convencido de que a nossa compreensão não acontece abstratamente no cérebro, mas no sentir, na expressão de fatos, no valor prático que podemos obter pelo uso de sinais que construímos. Se a função do pensamento é elaborar instrumentos, criar hábitos de ação para produzir resultados, para enfrentar e resolver os problemas, Peirce alertava para não transformar palavras em essências e representações vazias. Com isso, a tradição filosófica voltada para a busca da verdade e de essências sobrenaturais, perdia seu status superior e tornava-se apenas uma atividade contingente para verificar as operações práticas da mente.

Outro componente do Metaphysical Club, que se destaca naqueles anos, é William James (1842-1910). Centrado particularmente na psicologia, cria em Harvard o primeiro laboratório de psicologia experimental. Suas pesquisas criticam e desmentem a psicologia substancialista tradicional que separava a alma do corpo, estruturas centrais e periféricas, estímulos e respostas. Ao contrário, para James, a psique humana constitui um circuito senso-motório. É uma atividade integrada e coordenada de estímulo-movimento-sensação-unidade. No seu livro mais

³ Cf. Peirce, C. S. How to make our ideas clear, in: Hartshorne C.-Weiss (orgs), Collected Papers, Cambridge (Mass.), 1931-35, p. 5.250.

⁴ Cf. Peirce, C. S. Semiótica, p. 83ss.

importante, *Princípios de psicologia* (1890), James mostra que as emoções têm base na experiência fisiológica e que a consciência é um instrumento funcional para adaptação ao ambiente. Qualquer conexão que acontece na psique não é uma relação colocada pela mente sobre os átomos dispersos da experiência, como ocorria com a “forma transcendental” de I. Kant. Para James as relações são experimentáveis e materializáveis e acontecem na própria experiência. Os processos da vida mental não diferem dos processos da vida corporal: os dois são instrumentos integrados de adaptação e de reação ao ambiente. De modo que a mente sente a influência do ambiente e ao mesmo tempo reage sobre ele. Desta forma, “as teorias se tornam instrumentos e não respostas para solucionar enigmas”⁵. Portanto, mais do que pelo seu conhecimento abstrato, o valor da psicologia mede-se por seus efeitos, por sua eficácia, por sua engenharia de adaptação e melhoria da vida.

Compreende-se, então, por que, ao escrever *Existe a consciência?* (1904), James apresente-a como uma corrente de pensamento (stream of thought) que flui, muda a cada momento. Sem dogmatismos nem doutrinas metafísicas, retrata a consciência que nós temos como um fluxo sempre em movimento, que evolui com a fluidez do indivíduo, difícil de aprisionar no conceito. A nossa consciência forma-se na experiência que, de um lado, é individual, privada, transeunte (‘percepto’, percebido), e de outro é intersubjetiva e compartilhada, de modo a formar ‘conceitos’ comuns. Assim, o nosso conhecimento (e o que se chama de “verdade”), também para James, é a capacidade de operar, uma relação satisfatória (satisfactoriness) com outras partes da nossa experiência, mensurada por sua adequação e utilidade. Quer dizer, uma ideia é tornada verdadeira pelos fatos que podemos verificar e confirmar: “É verdadeira na medida em que acreditar nela pode ser útil para nossas vidas”⁶.

O pragmatismo, seja de Peirce como de James, distancia-se da concepção metafísica de filosofia e das teorias clássicas de epistemologia. Apresenta-se, acima de tudo, como “um método, e em segundo lugar, uma teoria genética do que se entende por verdade”⁷. Seu objetivo não visa descobrir “os princípios”, as primeiras coisas, como na filosofia tradicional, mas ocupa-se dos “frutos, das consequências,

⁵ Cf. James, W. *Princípios de psicologia*, in: “Os Pensadores”, p. 20.

⁶ Cf. James, W. *O significado da verdade*, in: “Os Pensadores”, p. 67.

⁷ Cf. James, W. *Pragmatismo*, in: “Os Pensadores”, p. 25.

dos fatos”. As ideias devem ser ancoradas e verificadas na prática, vinculadas a efeitos, não a verdades prévias. A verdade, não depende da adequação a princípios estabelecidos nem de teorias representacionais, mas da verificação: “Verdadeiro é um nome para qualquer ideia que inicie o processo de verificação, útil é o nome para a sua função completada na experiência”⁸.

Nas obras de Peirce e James, o pragmatismo está já delineado e apresenta-se com características que podemos resumir nos seguintes pontos:

1. combater as ideias a priori, os fundamentos preestabelecidos, as verdades fixas e imutáveis;
2. não buscar as “primeiras coisas” (as essências), mas as “últimas”, ou seja, os resultados práticos;
3. não criar qualquer teoria global nem impor princípios: o conhecimento e a verdade fazem-se na pesquisa, na experiência, no ato de cognição, em operações que se podem justificar e convalidar. Neste sentido, o pragmatismo libera da neurose da “certeza”, dos projetos e dos fins;
4. ao repelir as abstrações, o dualismo, o formalismo e as questões inúteis, indicar como caminho o método de pesquisa que pode ser verificado continuamente e que objetiva a prática, a utilidade, a ação;
5. orientar o conhecimento para resolver problemas, buscar melhorias para a vida humana, procurar pragmaticamente o equilíbrio e o consenso entre as partes sem recorrer a teorias especulativas, doutrinas e ideologias.

Podemos ouvir, então, das próprias palavras de James a descrição dessa nova concepção de mundo:

O pragmatismo volta as costas de uma vez por todas a uma série de hábitos inveterados, caros aos filósofos profissionais. Afasta-se da abstração e da insuficiência, das soluções verbais, das más razões a priori, dos princípios fixos, dos sistemas fechados, com pretensão ao absoluto. Volta-se para o concreto e o adequado, para os fatos, a ação e a força, o que significa fazer prevalecer a atitude empirista sobre a racionalista, a liberdade e a possibilidade sobre o dogma, sobre o artifício e a pretensão da verdade definitiva⁹.

Nas páginas que continuam essa citação, James apresenta o pragmatismo não como um sistema filosófico ou uma doutrina, mas como um método de pesquisa, caracterizado pela orientação prática e ativa do conhecimento, pelo

⁸ Cf. Idem., p. 73.

⁹ Cf. Idem., p. 80.

experimentalismo, pela adaptação, a flexibilidade e a mudança, voltado ao bom funcionamento de um ambiente a ser controlado e melhorado.

A partir desse retrato, percebe-se que o pragmatismo se afirma de um lado contra a metafísica, a filosofia fundada sobre as substâncias. Por outro lado, em continuidade com o empirismo inglês, contrapõe-se à filosofia idealista continental, particularmente de Descartes, Spinoza, Kant, Hegel, e diferencia-se também do materialismo. Desta forma, os pioneiros tentam estabelecer uma contraposição entre a Europa especulativa, tradicional, retórica, ideológica e autoritária, e o espírito americano prático, dotado de inovação, de liberdade, de dinâmica científica e de propulsão para o futuro. Contra o mundo fechado da necessidade e do universalismo, os pragmatistas apontavam para uma sociedade aberta às criações, à experiência científica, marcada pela contingência da inteligência experimental.

2. O contexto

Ora, quando se estuda filosofia, não se deve perder de vista que as ideias e as teorias – de acordo com as posições que o próprio pragmatismo sustenta – estão estritamente relacionadas com a realidade concreta, com o contexto histórico-político-econômico-cultural. Portanto, para além da autoapresentação dos autores, é necessário descobrir objetivos nem sempre imediatamente explicitados em suas teorias. Contrariamente às afirmações de Peirce e James, de fato sabemos que antes do surgimento do pragmatismo americano, na própria Europa, autores como Hume, Kant, Marx, Nietzsche e Freud, por exemplo, haviam praticamente enterrado a metafísica e a velha ordem, aprofundando um processo desencadeado desde o início da modernidade, aproximando a filosofia da ciência e abrindo novos horizontes para a pesquisa. A este movimento de pensamento, acrescenta-se o fato de que, juntamente com seus aspectos decadentes, na velha Europa, vinham ocorrendo convulsões sociais e políticas que pressionavam para levar adiante as propostas lançadas pela Revolução francesa, um evento mais profundo que a Revolução americana. Os movimentos insurrecionais de 1830, 1848, 1870, embora reprimidos, haviam preparado o terreno não apenas para a 1ª Guerra Mundial, mas principalmente para a eclosão da Revolução de Outubro de 1917.

A novidade maior do pragmatismo, portanto, não consiste tanto no combate à metafísica e na contraposição à Europa “atrasada e burocrática”, como se costuma

dizer. Suas contribuições e propostas sintonizam-se, isto sim, com o espírito de iniciativa e os empreendimentos de uma sociedade eficiente e produtiva, projetada por avanços científico-tecnológicos que a levam a não se importar com o passado nem a deter-se em questões abstratas e teorias especulativas. Para compreender melhor o pragmatismo, portanto, deve-se considerar que, entre o final do século XIX e o início de XX, os Estados Unidos despontam como um mundo promissor diante da Europa convulsionada por grandes conflitos. A expansão da indústria, da pesquisa de ponta, o ritmo vertiginoso das atividades econômicas e dos investimentos, a organização social, a difusão da democracia e de uma nova cultura exigem um pensamento ágil, experimental, prático, capaz de promover as liberdades e os interesses do indivíduo, de atender às mudanças, de prever resultados e consequências. Em contraposição a uma filosofia considerada abstrata, complicada e acadêmica, os Estados Unidos buscam uma filosofia aberta, concreta, formada na experimentação, orientada para o uso e controle dos eventos naturais e sociais. Contra as formas de autoritarismo religioso e ideológico, os pragmatistas consideravam a ciência e as novas descobertas o caminho a ser percorrido para a constituição de uma sociedade livre, organizada por um liberalismo renovado, capaz de neutralizar as lutas de classes e deter o avanço do comunismo, tidos como elementos desagregadores. Embora proclamassem isenção e neutralidade, a ideologia “natural” do liberalismo operava de forma subjacente à construção da ciência e à formulação das suas teorias.

Na verdade, são as novas formas de produção capitalista e a consciência de estar assumindo a hegemonia mundial que levam a sociedade americana a contrapor-se à Europa e a lançar-se na busca de ideias e teorias que possam configurar uma identidade própria e uma “nova civilização”. Neste clima, portanto, sentia-se a necessidade de desenvolver “uma adequada filosofia americana”, em sintonia com o “modelo democrático de vida” capaz de realizar “o ideal de unidade social”¹⁰. Assim expressa-se John Dewey (1859-1952), o terceiro pioneiro do pragmatismo, “o melhor dos americanos”, como irá defini-lo R. Rorty. Aluno de Peirce, na universidade J. Hopkins, acaba fascinado pelos escritos de James, que o afastam de Kant e de Hegel e o despertam para a nova filosofia que está se desenhando nos Estados Unidos. Uma corrente de pensamento que, em suas

¹⁰ Cf. Dewey, J. in: Hickman L.A. (org), The collected works of J. Dewey, 1882-1953, 31 vols, Southern Illinois University Press, Carbondale, 1967-1991, LW, vol 3, p. 144; vol. 8, pp. 22-23.

distinções, James chama de “pragmatismo”, Peirce de “pragmatismo” e Dewey de “instrumentalismo”. A esta linha de pensamento Dewey vai dedicar a sua vida longa e a sua extensa e variada obra. Seus escritos podem ser agrupados, mas não estudados isoladamente, em assuntos que tratam de psicologia, de educação, de filosofia, de política e de arte.

Embora não sendo efetivamente o pioneiro, Dewey foi quem mais afirmou, ampliou e divulgou o pragmatismo no mundo. Sendo o autor norte-americano mais conhecido e pela influência marcante também no Brasil, por questões de espaço, aqui vamos tratar de algumas de suas ideias de filosofia e de política e concluir essa apresentação com uma avaliação crítica sobre o pragmatismo, de modo a provocar o debate necessário para o aprofundamento dos nossos estudos.

3. A filosofia de Dewey

3.1. O instrumentalismo

No livro *Reconstrução filosófica*, Dewey se apresenta para levar adiante o projeto moderno e iluminista de filosofia. Seus interesses não estão voltados para a busca das essências, mas para o universo dos fenômenos, para “o que acontece” e “em vista do que”. A ciência experimental, para Dewey, deve substituir a “passividade” com o “espírito de iniciativa”, o “método da aceitação” com o “método de controle” e de verificação¹¹. A sua proposta é criar uma nova civilização para transformar o “industrialismo” em uma nova cultura capaz de produzir uma sociedade livre, em condição de autorregular-se e de controlar com a inteligência experimental as consequências de suas ações: “Nós precisamos lutar com o industrialismo para arrancar-lhe uma nossa civilização, uma cultura para todos; e este fato significa que a indústria deve tornar-se uma força educativa e cultural de primeira ordem para aqueles comprometidos com ela”¹².

Atrasada em relação à ciência, a filosofia deve passar por um saneamento frente ao pensamento tradicional: “deve assumir as mesmas normas procedimentais da investigação científica”, deve tornar-se operativa e experimental para resolver os

¹¹ Cf. Dewey, J. *Rifare la filosofia*, pp. 56-77.

¹² Cf. Dewey, J. *Individualismo vecchio e nuovo*, p. 109.

problemas sociais e políticos¹³. Como a ciência moderna, a nova filosofia não vai buscar a substância imutável dos objetos, mas as relações, o movimento e os resultados obtidos pela experimentação. Deve superar, portanto, o dualismo tradicional e saber compor observação empírica e pensamento racional para tornar-se uma atividade capaz de “explorar racionalmente as possibilidades da experiência”. Deixando de ser especulativa e transcendental, a função da filosofia é auxiliar o método experimental e acompanhar as transformações científicas. Não tendo uma finalidade própria, deve ser pensada em vista da educação: “Se a educação é processo pelo qual se formam certas disposições essenciais, intelectuais e emotivas, do homem para com a natureza e com os outros homens, a filosofia pode ser definida como a teoria geral da educação”¹⁴. Uma teoria, no entanto, que está profundamente conectada ao que Dewey entende por natureza humana: um conjunto de impulsos entrelaçados a uma atividade mental, cuja combinação forma hábitos especializados para adaptar-se ao ambiente, ordenar as coisas e estabelecer relações sociais.

A partir dessas premissas, Dewey elabora a lógica e a concepção de conhecimento. Veja-se, por exemplo, *Lógica, teoria da investigação* (1938), um dos seus livros mais importantes (considerado o “coração” do seu sistema filosófico), onde são analisadas as diferentes lógicas (formal, dedutiva, indutiva, transcendental, dialética). Neste livro, adota abertamente a base epistemológica e filosófica da ciência, sua estruturação experimental (observação, hipótese, convalidação, leis, teoria). Dewey mostra que não pode haver separação entre os fatos de observação e os conceitos que se formam na mente, entre teoria e prática, assim como entre matéria e espírito, sujeito e objeto, natureza e cultura. Critica a lógica formal e dedutiva que separa os fatos das formas rígidas da mente, mas também a lógica indutiva e meramente empiricista. Embora idealista, afirma que a lógica hegeliana é a mais próxima do método de investigação científica. Hegel, de fato, inaugura o método da “inferência” (investigação/descoberta/busca) da ciência moderna. No entanto, uma vez que a concepção idealista de Hegel exclui o processo de verificação, Dewey substitui-a pela concepção experimental. Contrapõe o método da pesquisa científica ao método da “prova” racional/lógica, fundada na demonstração

¹³ Cf. Dewey, J. *Rifare la filosofia*, p. 113.

¹⁴ Cf. Dewey, J. *Democrazia e educazione*, p. 421.

pelo raciocínio para chegar à aceitação (ou recusa) de uma proposição conforme seja conectada ou não com uma verdade estabelecida. O objetivo do conhecimento, para Dewey, não é mais “julgar” mas “inventar”. Ao torna-se indagação e pesquisa, o pensamento deixa de ser faculdade ou racionalidade ontológica e passa a ser um instrumento, um processo experimental conduzido pela dúvida-busca-solução.

Juntamente com Lógica, teoria da investigação, deveriam ser analisados outros escritos que lhe estão conectados: Estudos de teoria lógica (de 1903, em que aparece a ruptura de Dewey com Hegel), Como nós pensamos (de 1910, reformulado em 1933, no qual trata de questões relativas ao surgimento e à educação do pensamento) e Ensaio de lógica experimental (de 1916, uma crítica do empirismo, do racionalismo, do idealismo e do materialismo). Da análise desses escritos é possível ver como a lógica em Dewey tem uma interpretação autenticamente evolucionista e darwiniana: é resultado de processos bio-psicológicos, é a resposta ativa dos homens às condições ambientais e um instrumento para melhor adaptação. Depois de Darwin, para Dewey, “a ciência natural é obrigada a abandonar o pressuposto da imutabilidade e a reconhecer como são realmente importantes o ‘processo’ e a evolução”¹⁵. Seguindo tais indicações, alguns estudiosos chegam a traçar dessa forma o itinerário intelectual de Dewey: “A ideia originária da continuidade orgânica ‘mecanicista’ que Dewey deriva da leitura dos textos de Huxley e de Spencer se transforma na ideia de continuidade orgânica e dialética de Hegel, para enfim tornar-se a ideia da continuidade biológica e evolucionista de Darwin”¹⁶.

Dewey considera a biologia evolucionista como a realização das conquistas metodológicas da moderna ciência experimental e a aplicação do novo modo de pensar aos problemas da vida humana. Deriva disso a lógica genética e funcional da formação dos conceitos que mostra como a ‘consciência’ é produto não fonte do conhecimento e que o pensamento não descobre leis, mas origina-as na experiência. Como em Peirce e James, para Dewey, o valor de uma ideia não deriva do seu uso, da sua capacidade de ação e dos resultados obtidos. A mente, assim, não visa criar uma ontologia, mas é uma técnica de pesquisa. Expressa o caráter

¹⁵ Cf. Dewey, J. The influence of Darwin on philosophy and other essays in contemporary thought, p 28.

¹⁶ Cf. Alcaro, M., John Dewey. Scienza prassi democrazia, p. 17.

operativo de todos os procedimentos do conhecer considerados como meios para passar de uma situação indeterminada a uma determinada.

Tem bons motivos, portanto, Dewey ao denominar a sua filosofia de “instrumentalismo”, enquanto atividade da inteligência humana que tem valor operativo na resolução dos problemas práticos “à medida que eles surgem”, sem ter uma pretensão sobrenatural ou transcendental:

A missão primordial da filosofia, seus problemas e campo de estudo, brotam das pressões e solicitações que se manifestam na vida de comunidade, em cujo seio surge determinada forma de filosofia e, conseqüentemente, seus problemas específicos variam com as transformações que a vida humana constantemente atravessa, e que por vezes constituem uma crise e uma mudança na história da humanidade¹⁷.

Diversamente da concepção que acreditava na capacidade autônoma de produzir ideias ou do ato de fotografar os objetos, a função do intelecto com sua indagação é reagir, estabelecer relações com o ambiente para melhor adaptar-se e controlar as conseqüências. A filosofia em Dewey, portanto, não revela uma estrutura racional do mundo nem uma ordem lógica que reproduz os objetos da realidade, mas serve para a reconstrução e reorganização dos momentos da experiência de modo a superar crises, eliminar obstáculos e disfunções¹⁸.

3.2 A experiência

Do exposto, é possível ver que, para Dewey, a filosofia não é um pensamento autônomo e “desinteressado”. Não tem um fim em si, uma vez que não pensamos por pensar, mas para agir e obter resultados. A filosofia só serve para tornar mais inteligente a nossa experiência. É um pensar em função da solução de determinados problemas. O conhecimento é um produto que deriva da experiência e ao mesmo tempo volta-se a ela para reconstruí-la e organizá-la. Essa visão explica porque Dewey dedica diversos escritos à “experiência”, um conceito que ocupa uma função central na sua obra: *Experiência e natureza* (1925), *Arte como experiência* (1934), *Experiência e educação* (1938).

¹⁷ Cf. Dewey, J. *Rifare la filosofia*, p. 17.

¹⁸ Cf. Dewey, J. *Democrazia e educazione*, pp. 87-88.

São as contribuições da ciência biológica que levam particularmente Dewey a elaborar um conceito de experiência que ultrapassa o entendimento tradicional e que não se reduz ao horizonte estreito do empirismo. Experiência, para Dewey, não é só percepção, registro e gravação do que ocorre, mas um processo contínuo, uma atividade inteligente voltada para a integração e a mudança do meio. Com esse conceito, Dewey entende não apenas a experiência acumulada (passado, hábitos, crenças etc) e a experiência imediata (percepção), mas também a experiência reflexiva e experimental. Como o método experimental, de fato, a experiência torna-se o verdadeiro lugar da aprendizagem. É o âmbito no qual se “aprende fazendo”, onde sujeito e objeto não andam separados, mas descobrem-se partes de um todo. Assim, a experiência constitui uma operação circular que: “Denota tudo o que se sofre e se experimenta, e também os próprios processos do experimentar”¹⁹. É uma operação que envolve sentir e reagir, passividade e atividade, o experimentado (produto da experiência, experiência de) e o experimental (produtor de experiência, experiência sobre). O conceito de experiência, na prática, retrata o ser humano condicionado pelo meio e a sua reação sobre ele. É uma interação de organismo e meio, de adaptação e modificação, ao mesmo tempo. Contra qualquer dualismo e abstração, Dewey apresenta o processo unitário da experiência humana, no sentido orgânico e holístico. É a ação do mundo e no mundo. Em sintonia com a evolução biológica, psicológica e social, a experiência constitui um processo de metabolismo inteligente com o mundo que o homem precisa conhecer e controlar com todas as suas faculdades. Daqui, a estreita conexão em Dewey entre psicologia, lógica, educação, política e ética. O que revela que o ponto central para Dewey não está nem no sujeito (idealismo) nem no objeto (empirismo), nem na natureza nem no espírito, nem no homem nem no mundo: é uma relação entre eles, uma unidade vital que constitui de forma operativa e cooperativa indivíduo e meio, fatos e ideias.

Contrariamente à filosofia da certeza e do absoluto, Dewey defende que o pensamento é um processo contínuo de experimentação, de indagação e de reajuste da experiência. O processo de investigação parte de problemas, de situações obscuras e incertas e transforma-as em situação de clareza e coerência, opera a passagem de uma desordem para a ordem: “de experiências perturbadas em situação clara, coerente, ordenada e harmoniosa”²⁰. A experiência, como a vida

¹⁹ Cf. Dewey, J. *Esperienza ed Educazione*, p. 62.

²⁰ Cf. Dewey, J. *Logica, teoria dell'indagine*, p. 73.

dos organismos, administra as atividades de adaptação e continuidade, é autorreguladora: “esta organização, intrínseca à vida, torna desnecessária uma síntese sobrenatural e supraempírica, ao mesmo tempo em que ministra a base e o material para o desenvolvimento da inteligência como fator organizador dentro da experiência”²¹.

Para Dewey, sob a regência da inteligência experimental, tudo recompõe-se natural e positivamente. Ao reduzir, assim, o pensamento a uma técnica que se forma no ato, no momento da investigação, o seu “instrumentalismo é filosofia dos meios, não dos fins”. Voltada para o controle ‘inteligente’ das situações, a sua filosofia aparentemente neutra, identifica adaptação e tecnologia social com liberdade, controle do ambiente com construção de uma sociedade justa e igual. Dewey, de fato, fala genericamente da experiência sem nunca qualificá-la. Não considera que indivíduos e grupos contrapostos vivem diferentes experiências, criam e usam diversos instrumentos de pensamento. E que, dependendo do lugar social e das condições de vida em que estão situados, diversos sujeitos chegam a formar uma consciência e uma visão de mundo em contraposição com o meio, e que estão dispostos não apenas a se adaptar e integrar nele, mas a lutar para romper determinados sistemas e construir uma concepção política e econômica em vista de um outro projeto de sociedade.

3.3. A política

A partir dessa visão, podemos entender porque Dewey orienta a filosofia e a educação para o desenvolvimento de uma inteligência voltada a buscar o equilíbrio entre as classes e os interesses contrapostos. Para afastar o perigo dos radicalismos, Dewey aponta que é preciso organizar racionalmente a sociedade, difundir o espírito cooperativo e integrador, regulamentar e planejar os fenômenos humanos e sociais, “sem tomar partido para uma ou outra parte”²².

Esta posição de Dewey torna-se particularmente clara durante a crise econômica de 1929. Para enfrentar os problemas então postos e superar os conflitos sociais, Dewey indica o ponto de vista “imparcial” do método científico e apela para as reformas, a educação, a democracia e a cooperação. A. Teixeira, seu discípulo

²¹ Cf. Dewey, J. *Rifare la filosofia*, p. 108.

²² Cf. Dewey, J. *Esperienza ed educazione* (Prefazio), op. cit.

no Brasil, havia entendido perfeitamente essa visão de Dewey, quando afirma que o educador americano: “Não vem acrescentar aos conflitos e às divisões entre os homens, mas revelar a possível conciliação de suas querelas desde que desejem elevar-se um pouco mais adiante dos seus interesses imediatos. Não é demais insistir no caráter conciliante e integrador do pensamento deweyano...”²³.

Diversamente das correntes filosóficas tendenciosas, como o idealismo e o materialismo, Dewey está convencido de que é possível percorrer uma terceira via, pavimentada pela ciência e conduzida por um ser biológico dotado de inteligência, capaz de encontrar soluções cooperativas sem recorrer a teorias e ideologias políticas que geram divisões e conflitos. Para Dewey, os homens possuem naturalmente a capacidade de desenvolver hábitos, disposições, sensibilidades e virtudes que constituem a inteligência social. O melhor ambiente para o indivíduo desenvolver tais capacidades é a democracia, a qual com a ciência e a experiência representa o meio da interação humana, sendo a escola ativa o lugar privilegiado para isso.

Como acontece em suas relações com a natureza, o indivíduo está em contínua osmose com o ambiente social. Assim, na democracia, cada um é motivado a colaborar com suas próprias forças ao bem-estar do interesse geral e recebe por sua vez sustentação da sociedade, porque a inteligência é um recurso que se realiza nas formas da cooperação social. A inteligência é ‘conectiva’, uma vez que o cérebro humano constitui um ecossistema biológico em diálogo constante com a tecnologia e a cultura, desenvolvido dentro de uma experiência que se apresenta com as características da continuidade e do aumento progressivo de conhecimento individual e social.

Sendo a democracia ambiente de discussão, de tolerância e liberdade, de “experiência continuamente comunicada”²⁴ sem finalidade prévia, torna-se o lugar propício para a ciência, para a pesquisa e a cooperação. Neste sentido, Dewey fornece uma justificativa epistemológica da democracia, cujo significado coincide com o da “lógica da indagação”. Assim, como para a filosofia, a democracia é o ambiente ideal do “autogoverno” do indivíduo e o “meio cognitivo” para resolver

²³ Cf. Teixeira, A. “Apresentação”. In: Dewey, J. Democracia e educação, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1959.

²⁴ Cf. Dewey, J. Democrazia ed educazione, p. 413.

problemas comuns, o método da inteligência organizada para superar e harmonizar os conflitos. Na democracia, a sociedade planeja-se constantemente, compõe os diversos interesses, elimina os obstáculos que se opõem à “sociabilidade natural”²⁵.

Etapa evolutiva elevada, a democracia é uma necessidade que corresponde melhor ao mundo moderno e à sua racionalidade por adequar-se às exigências técnico-científicas da civilização mais avançada. Desta forma, a democracia não se apresenta como espaço político de embate de projetos alternativos e contrapostos, mas como um meio cognitivo para solucionar problemas sociais, um espaço de intercâmbio de opiniões onde as contradições dissolvem-se no espírito de colaboração. O objetivo dessa democracia é integrar o indivíduo na “grande comunidade”²⁶ preparada pela “pequena comunidade” da escola-laboratório, da escola ativa, que com sua inteligência experimental forma o hábito mental da democracia e da convivência. Esta linha de pensamento pode ser conferida nos escritos políticos de Dewey. Se observarmos apenas os da maturidade: O público e seus problemas (1927), Individualismo velho e novo (1929), Liberalismo e ação social (1935), Liberdade e cultura (1939), é possível ver como Dewey procura tomar distância do velho liberalismo (desenfreado, individualista, atomista) e do comunismo (centralizador, coletivista, estatista). Para resolver os problemas de organização e integração social, argumenta que é preciso contrastar as “aristocracias econômicas” que se formaram no liberalismo egoísta e instaurar a cooperação e a racionalidade da vida social seguindo o método da ciência, sem cair no comunismo. Nestes escritos, é visível e inquestionável a recomendação de Dewey para passar do individualismo atomista para o holismo, ou seja, para uma concepção que acredita poder superar o egoísmo e as divisões sociais com o apelo à solidariedade harmonizadora dos indivíduos e das classes²⁷.

Não se deve esquecer que Dewey desenvolve essas ideias quando na Europa vigoravam os regimes totalitarismos e, nos Estados Unidos, o Presidente Franklin Delano Roosevelt implantava o New Deal, um conjunto de medidas voltadas a socorrer a falência de empresas, a sustentar organizações financeiras, industriais e comerciais em crise, a amortizar o desemprego, a melhorar a vida da população. Em resposta às pressões de sindicatos e movimentos sociais que denunciavam os

²⁵ Cf. Dewey, J. *Esperienza ed educazione* (Prefazio), op. cit.

²⁶ Cf. Dewey, J. *Liberalismo e azione sociale*, F. Fistetti (org.), p. 122.

²⁷ Cf. Dewey, J. *Rifare la filosofia*, p. 162.

monopólios, o emprego de crianças nas fabricas, os acidentes de trabalho e reivindicavam direitos de assistência e a regulamentação do trabalho das mulheres, o plano do governo procurava espantar o “pânico vermelho” e o fundamentalismo de empresários que seguiam a doutrina de J. Pierpont Morgan, conforme a qual os direitos e os interesses dos trabalhadores eram atendidos com mais inteligência pelos patrões a quem Deus confiara a produção.

Para finalizar essa palestra e provocar o debate, do conjunto da obra de Dewey é possível perceber que o seu projeto não se apresenta só para “reconstruir” a filosofia moderna, introduzindo uma “metafísica naturalista”²⁸, mas também para dar uma resposta à crise da civilização ocidental, para renovar e fortalecer o liberalismo, distanciando-o do velho individualismo, do Estado minimalista e protegendo-o das seduções do marxismo. Uma interpretação, essa, não exclusivamente minha, mas que leva a assinatura do próprio R. Rorty, herdeiro do pragmatismo americano contemporâneo:

Dewey e Hook lutaram, conjuntamente e com grande sucesso, contra as tentações que o marxismo apresentou para os intelectuais americanos nos anos 30 [...] Dewey e seus seguidores estavam, certamente, apostando que as políticas reformistas (interna e internacionalmente) poderiam fazer o que os marxistas pensavam que só a revolução podia fazer²⁹.

Diante do crescimento dos conflitos e das profundas contradições que começavam a afetar o “avançado” modelo americano, Dewey propõe a integração das classes para construir “democraticamente” uma sociedade funcional e pacificada. Ao tentar superar dualismos e conflitos com a conciliação e não com o confronto democrático de propostas alternativas, Dewey sonha com um mundo cooperativo impulsionado pela soberania da inteligência científica, não pela liberdade do embate político em torno de diferentes e contrapostos projetos de sociedade. Pesquisas que espero continuar a desenvolver apontam para uma profunda relação entre o holismo que Dewey tenta construir em torno do liberalismo cooperativo e os conceitos biológico-evolucionistas de “interação”, “adaptação”, adjustment, “transação” e “experiência”. Diferente de uma sociedade, cuja unidade é conscientemente construída na dinâmica aberta das contradições e pela força imprevisível do negativo, a visão holística de Dewey apresenta-se como uma

²⁸ Cf. Rorty, R. Consequenze del pragmatismo, p. 142.

²⁹ Cf. Rorty, R. Objetivity, Relativism and truth, pp 107-108.

harmonização de interesses divergentes, mantida à distância dos reais embates políticos e econômicos. Sendo a política entendida por Dewey como “governo da inteligência” e “da ciência”³⁰, em outro artigo, mostramos porque Dewey considera o mundo em modo “prático” e circunscrito, não de modo “concreto” e universal³¹. Sua proposta, como a dos pragmatistas, promove um agir operacional, eficiente e “verificacionista”, não atitudes efetivamente transformadoras que possibilitariam ir além do mundo naturalizado e organizado cientificamente. Centrado na solução dos problemas que se apresentam e nos resultados que podem ser extraídos da experimentação, o pragmatismo é uma filosofia que objetiva manter um sistema funcionando, alheio à visão histórica de conjunto, à complexidade das forças políticas, ao poder das estruturas econômicas e à investigação profunda das contradições sociais. O que nos leva cada vez mais a crer que o pragmatismo é uma filosofia autor-referenciada, em sintonia com uma sociedade produtiva e eficiente, que se moderniza e ajusta continuamente para obter “melhores resultados”, não para colocar em questão um modelo de sociedade que vem se revelando cada vez mais restrito e destrutivo.

Referências

- ALCARO, M. John Dewey. **Scienza prassi democrazia**. Roma-Bari: Laterza, 1997.
- BERALDI P. **Il pragmatismo americano, intelligenza filosofica e ragione strumentale**. Bari: Levante Editore, 2002.
- DEWEY, J. **Rifare la filosofia**. Roma: Donzelli, 2002.
- _____. **Democrazia e educazione**. Firenze: La Nuova Italia, 2000.
- _____. **Esperienza ed educazione**. Firenze: La Nuova Italia, 1993.
- _____. **Individualismo vecchio e nuovo**. Firenze: La Nuova Italia, 1968.
- _____. **Liberalismo e azione sociale**, a cura di F. Fistetti. Roma: Ediesse, 1997.
- _____. **Logica, teoria dell'indagine**. Torino: Einaudi, 1974.

³⁰ Cf. Dewey, J. Liberalismo e azione sociale, p. 105.

³¹ Semeraro, G. “A práxis de Gramsci e o pragmatismo de Dewey”. In: Revista de Educação Pública, Cuiabá, n. 33, jan.-abril 2008, pp. 119-130. Ver também: “Filosofia da práxis e (neo) pragmatismo de Rorty”. In: Id., Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis, Ideias e letras, Aparecida/SP, 2006, pp. 63-88.

_____. **Come pensiamo.** Firenze: La Nuova Italia, 2000.

HICKMAN, L. A. (Org.), **The collected works of J. Dewey, 1882-1953**, 31 vol. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1967-1991.

JAMES, W. **Princípios de psicologia.** In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **O significado da verdade.** In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Pragmatismo.** In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MASSARENTI, A. **Scienza e democrazia (prefazione).** In: Dewey, J., Riformare la filosofia. Roma: Donzelli, 2002.

MENAND, L. **The Metaphysical Club: A story of ideas in America.** New York: Farrar, 2001.

PEIRCE, C. S. **Collected papers**, Cambridge: Harvard University Press, 1931-1935.

_____. **Semiotica.** Torino: Einaudi, 1980.

RORTY, R. **Consequenze del pragmatismo.** Milão: Feltrinelli, 1986.

_____. **Objectivity, relativism and truth, Philosophical Papers**, Cambridge: Harvard University Press, 1991.

SEMERARO, G. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis.** Ideias e letras, Aparecida, 2006.

_____. **A práxis de Gramsci e o pragmatismo de Dewey.** In: Revista de Educação Pública, Cuiabá, n. 33, jan.-abril 2008, pp. 119-130.

TEIXEIRA, A. **Apresentação.** In: Dewey, democracia e educação. São Paulo: Nacional, 1959.

URBINATI, N. **Individualismo americano.** Emerson, Dewey e la cultura politica americana. Roma: Donzelli, 1997.